

AS HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
o retorno ao caminho da emancipação¹

THE LIFE STORIES OF STUDENTS IN YOUTH AND ADULT
EDUCATION:

a return to the path of emancipation

Jheimy Luiza Lucas Oliboniⁱ

RESUMO: Este estudo analisa as trajetórias de vida de estudantes da Educação de Jovens e Adultos e sua transição da educação básica ao ensino superior. Realizou-se pesquisa qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com três discentes da modalidade e três graduandas de Pedagogia, da Universidade do Estado de Mato Grosso, em Sinop, nos segundos semestres de 2023 e 2024. Fundamentado em Paulo Freire e Sérgio Haddad, revelou o poder da educação, a necessidade da participação ativa do estudante e de um processo crítico, dialógico e reflexivo que leve à sua emancipação. A modalidade possibilita o ingresso no ensino superior, reconstrução da cidadania e mobilidade social.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Emancipação. Histórias de vida.

ABSTRACT²: This study analyzes the life trajectories of students and their transition from basic education to higher education to higher education. Qualitative research was carried out using semi-structured semi-structured

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “AS HISTÓRIAS DE VIDA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: a vida entre passagens na escola e no ensino superior”, sob a orientação do Prof. Dr. Alceu Zoia - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/2.

² Resumo traduzido por Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPGLEtras – UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>

E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br.

interviews with three students and three Pedagogy undergraduates from the of the State University of Mato Grosso, in Sinop, in the second semesters of 2023 and 2024. semesters of 2023 and 2024. Based on Paulo Freire and Sérgio Haddad, it revealed the power of education, the need for active student participation and a critical, dialogic and reflective process that leads to their emancipation. A modality makes it possible to enter higher education, rebuild citizenship and social mobility.

Keywords: Youth and Adult Education. Emancipation. Life stories.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica ofertada àqueles que não concluíram o ensino fundamental e médio, na idade considerada adequada. Estando interligada com a execução das metas propostas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), trata-se do intermeio para a educação contínua dos brasileiros ou a recuperação do ensino ‘negado’. A escolarização básica desses indivíduos por meio da EJA possibilita que eles retornem a cultura letrada e alcancem transformações pessoais e sociais, abrindo caminho para seguirem no processo de formação profissional. Contudo, apenas a conclusão da modalidade não é suficiente para impulsionar a busca pelo ensino superior, especialmente para aqueles que já enfrentaram desafios durante a trajetória escolar.

Nesse sentido, o objeto dessa pesquisa parte de um apego emocional as histórias familiares, as quais retrataram como a educação básica, e a falta dela, impacta as relações sociais, experiências de vida e diversos outros aspectos das vivências humanas. Portanto, para compreender os motivos do retorno ao processo de escolarização e darmos voz aos sujeitos da modalidade EJA, baseamos nosso recorte na análise realizada na referida pesquisa sobre o papel emancipatório da educação a partir das expectativas e experiências de vida mobilizadoras para que estudantes da educação de jovens e adultos vislumbrem o ensino superior.

Para realizarmos nosso estudo, utilizamos metodologia qualitativa de entrevista semiestruturada, realizadas nos segundos semestres dos anos de 2023 e 2024, partindo das histórias de vidas de três discentes dos anos finais da educação básica de jovens e adultos e três discentes do ensino superior entre o 1º e 8º semestre do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, campus de Sinop, período noturno, egressos da EJA.

Apresentamos no texto primeiramente seu repertório teórico, discutindo o processo histórico da inclusão da EJA na Educação Básica, evidenciando como o sistema educacional ainda pode reproduzir desigualdades sociais. Em sequência descrevemos como se deu a coleta de dados a partir das entrevistas, bem como seus resultados, caracterizando seus participantes e evidenciando as respostas que contribuíram para delimitarmos suas realidades socioeconômicas. Ao final abordamos a análise desses dados com base em Paulo Freire.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Di Pierro e Haddad, a educação escolar brasileira passou por diversas mudanças e momentos históricos para que então englobasse a Educação de Jovens e Adultos como parte da educação básica: “No Brasil, o reconhecimento do direito dos jovens e adultos à educação foi consequência do processo de democratização na transição dos anos 1980 e 1990, após 20 anos de ditadura militar, que produziu em 1988 uma Constituição avançada na garantia dos direitos sociais” (Di Pierro; Haddad, 2015, p.198 - 199).

Contudo, esse avanço não eliminou os desafios relacionados à inclusão e à permanência das classes subalternas no sistema educacional, como afirma Haddad: “A educação escolar ofertada pelo Estado acabou por se constituir em elemento fundamental no interesse de preservação da ordem capitalista, através da hierarquização, ideologização, exclusão, formação e seleção de mão de obra necessária à reprodução social; [...]” (1991, p. 15).

Atualmente, a escola representa o ambiente em que se é evidenciado os direitos de educação para todos e a aprendizagem ao longo da vida garantidos pela Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor, no Art.37, que: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 2018).

Nesse contexto, torna-se uma instituição que oferece mais que apenas conhecimentos formais. Abarca em sua atuação todos os elementos do cotidiano social, viabiliza a ressignificação de identidade e a definição dos primeiros e principais objetivos de vida, estabelecendo um papel crucial na vida dos estudantes, principalmente de jovens e adultos que a partir dela terão novas visões e possibilidades sociais, podendo assim recuperar o sentido de democracia e cidadania.

A conquista do direito à escolarização ainda não traz aos jovens e adultos a garantia de permanência, visto que a sociedade capitalista brasileira condiciona o cidadão ao ingresso precoce no mercado de trabalho. Emerge-se então da inserção ao mercado de trabalho o vislumbre da ascensão social a partir da construção insuficiente do conhecimento prático da função exercida. Vê-se, nessa ascensão, para aqueles que estiveram majoritariamente subalternos durante a vida escolar, a liberdade de aquisição, representação, opinião e presença diante da sociedade.

Em sua maioria, os estudantes da EJA se distanciaram dos estudos por dificuldade de acesso, necessidade de assumir o cuidado familiar ou funções domésticas e/ou o cansaço de ter que conciliar trabalho e estudos, sendo que, conforme afirma Vendramini (2017, p. 2157), “[...] na medida em que a idade avança, há diminuição do tempo de dedicação aos estudos e aumento do tempo de trabalho até que este passa a ocupar todo o tempo da jornada diária dos jovens”.

No sentido de avaliar essa evasão mencionada por Vendramini (2017), as autoras Sanceverino, Pauli e Barboza produzem a conclusão de que:

[...] para esses “saídos” ou excluídos cedo da escola, o trabalho roubou, não apenas o tempo de aprendizado, mas também da infância ou da adolescência [...] Sendo assim, é necessário romper com a escola dual, de qualidade, para os segmentos mais abastados e por outro lado precarizada para a maioria da população que exclui do conhecimento os expropriados economicamente. É imprescindível realizar uma prática consciente da estrutura da sociedade que colabore, de forma efetiva, para dissociar a ideia de pobreza como resultante de baixa escolarização [...] (2019, p. 116).

O perfil desses estudantes carrega consigo marcas de suas histórias, cicatrizes de um percurso repleto de dificuldades que influenciam diretamente seu retorno ao ambiente escolar e o meio pelo qual se efetiva.

[...] trazem no corpo e na fala as marcas de outras regiões, sinais identificadores de seu grupo social. A cor da pele, as marcas das dificuldades da vida, a maturidade de quem foi obrigado a precocemente entrar no mercado de trabalho caracterizam o grupo social do curso noturno de maneira diferenciada aos bem-nascidos dos cursos regulares diurnos (Haddad, 1997, p.156).

Nesse sentido, de acordo com e Bampi (2014, p. 40), “[...] o aluno da EJA acredita que a escola contribui para que se sinta liberto, pois sem ‘o estudo’, ele se sente preso, submisso aos entraves de uma sociedade em que não oportuniza a esses sujeitos o direito de ter vez e voz”. Portanto, faz-se necessário considerar esse espaço educacional como local que ultrapassa a aquisição de conhecimentos formais pois, formulam-se nele a ressignificação de identidade desse alunado.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa, utilizando o método de histórias de vida. Para isso, no segundo semestre de 2023, conduzimos entrevistas semiestruturadas com três estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Sinop, matriculadas entre o 1º e o 8º semestre no período noturno, todas egressas da EJA. Em sequência, no segundo semestre de 2024, entrevistamos três estudantes dos anos finais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que cursavam o segundo seguimento para concluir do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, em instituição pública de Sinop, no período noturno.

Apoiando-nos na análise crítica das metodologias qualitativas proposta por Martins (2004), entendemos que essas abordagens se mostram mais adequadas ao nosso objeto de estudo, dada sua complexidade e riqueza em histórias, experiências, diversidades e especificidades. Esses elementos contribuem significativamente para uma compreensão mais ampla da realidade vivenciada por indivíduos que, em geral, compartilham uma posição socioeconômica semelhante.

Utilizar os depoimentos como base analítica implica abrir-se a contextos individuais multifacetados, suscetíveis a diferentes interpretações. Nesse sentido, nosso principal papel enquanto entrevistadores é captar e compreender as informações que nos permitam conhecer e correlacionar essas histórias com os objetivos da pesquisa no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

A partir dessas narrativas, emergem suas principais necessidades e reflexões sobre a escolarização oferecida pelo Estado, especialmente no que se refere à qualidade, equidade em relação ao ensino regular e à visibilidade de seus direitos educacionais. Por meio de suas histórias também evidenciam sua participação ativa no desenvolvimento econômico e social, considerando que, em sua maioria, são estudantes que também trabalham.

4 RESULTADOS

A pesquisa foi iniciada com as entrevistas das três graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia, logo após o término de suas aulas diárias. O objetivo dessas entrevistas foi compreender suas trajetórias educacionais, possibilitando a análise do percurso entre a EJA e o ensino superior, correlacionando-as com as vivências e expectativas dos discentes entrevistados na educação básica.

A primeira a colaborar foi Leticia que estava finalizando o oitavo semestre da licenciatura. Ela é formada em direito e atua em horário comercial como secretária em um escritório de advocacia, tanto na recepção quanto em processos, pois já possui a carteira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Sua trajetória escolar foi pausada em 1979 quando fazia a quarta série, devido à desvalorização da escolarização feminina, a necessidade de mão de obra no sítio da família e a dificuldade de acesso. Seu objetivo inicial era retornar para o ambiente escolar aos 18 anos quando saiu de casa, no entanto foi trabalhar e só pôde retornar aos 36 anos, depois de casada e com um filho recém-nascido, por incentivo do seu esposo e de uma amiga professora.

A segunda entrevistada, Paula, estava em fase de conclusão das disciplinas remanescentes, sem semestre específico. Trabalha em horário comercial como auxiliar administrativo. Estudou no ensino regular até o sexto ano, mas por seu esposo ser transferido de cidade constantemente pelo trabalho, não conseguiu concluir. Posteriormente, ao ingressar em um trabalho como babá, precisou retornar aos estudos para que pudesse ler os horários de remédios e compreender receitas para preparar a comida da criança. Outro impulso foi sua vontade de continuar adquirindo conhecimento e sua compreensão de que a conclusão da educação básica é essencial para qualquer projeção de futuro, principalmente no mercado de trabalho.

A terceira graduanda entrevistada foi Juliana, que está concluindo algumas disciplinas remanescentes, sem semestre específico. Além do estudo, desempenha a função de estagiária na cidade de Sorriso, onde reside, como acompanhante de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na instituição de ensino que ele frequenta. Para que possa realizar suas atividades profissionais, pessoais e estudantis, ela optou por trabalhar meio período. Seu percurso na EJA iniciou quando decidiu concluir os estudos ingressando novamente na oitava série, a qual não concluiu no ensino regular por ter uma carga horária excessiva no trabalho.

Com a mesma abordagem, entrevistamos três discentes de uma instituição estadual de ensino público da educação básica, com a mediação da coordenadora pedagógica da instituição, que fez a apresentação inicial da pesquisa e convidou os estudantes a colaborarem, ressaltando que a participação era voluntária, mas de grande relevância. Apresentamos a proposta do estudo, explicando suas características, objetivos e justificativa e os conduzimos para gravação de suas considerações.

O primeiro entrevistado da EJA, Sérgio, é estudante e profissional de serviços gerais, tem 26 anos, é pai solteiro de três filhos de 4, 7 e 10 anos, retornou aos estudos no 1º ano do ensino médio com incentivo da sua mãe, para que possa buscar uma graduação ou curso profissionalizante para aumentar a renda. Para isso, vislumbra cursar em instituição privada, presencialmente. A pausa em sua escolarização ocorreu por ter se casado e tido um filho, aos 16 anos, o que acarretou a necessidade de trabalhar.

A segunda participante, Vanessa, tem 18 anos, é casada e trabalha como doméstica. Interrompeu os estudos no ensino regular devido à necessidade de trabalhar e retornou à escola por meio da EJA, que possibilita aulas no período noturno, acompanhada de seu esposo. Ingressou novamente no segundo ano do ensino médio, com o apoio de sua mãe e avó. A discente pretende cursar o ensino superior, Direito ou Agronomia, em instituição privada presencialmente, contando com o apoio financeiro do seu esposo, adequando as demais atividades pessoais conforme a carga horária do curso que ingressar, visto que a prioridade para ela é a formação acadêmica.

O último dessa modalidade foi o discente Carlos, que é frentista, em regime de pessoa com deficiência (PCD), com carga horária alternada — um dia de trabalho seguido por um dia de folga —, o que facilita a frequência às aulas noturnas e a realização de atividades escolares no período diurno. Retomou sua trajetória escolar, pausada pelo trabalho, no 5º ano do ensino fundamental na modalidade EJA, pois, para que continuasse a receber o benefício do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), precisava concluir a educação básica. Pretende cursar até o ensino superior, em engenharia (agrícola ou civil), em instituição privada no período noturno, utilizando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como meio de acesso.

Para os participantes o ensino fornecido pela instituição na modalidade EJA é de boa qualidade, mas ainda não se faz suficiente para obter aprovação em vestibulares. Para Sérgio e Vanessa, essa realidade se deve majoritariamente pelo interesse, pois alguns colegas estão no ambiente escolar por imposição familiar, e à própria realidade socioeconômica do público, majoritariamente composto por trabalhadores com diversas responsabilidades, o que dificulta a dedicação e foco integral aos estudos. Em contraponto, Carlos afirma que é justamente pela configuração da modalidade, flexível a realidade, com conclusão de mais de uma série em cada ano e a possibilidade de estudo noturno, que se torna palpável o desejo de concluir a educação básica para esse público, visto que ele mesmo só retornou à escola por essa praticidade.

4.1 Discussão

Esses dados da pesquisa serão analisados com base em conceitos de Paulo Freire (1987). Entendemos que, apesar da análise crítica implícita nas falas a respeito da educação e configuração socioeconômica atual, os estudantes ainda não chegaram à consciência plena de suas posições de ‘oprimidos’ ou ainda não acharam meios para expressarem suas compreensões concretas.

A educação é uma ferramenta poderosa para a emancipação social e possivelmente econômica dos estudantes que a buscam. Ao tratarmos dos estudantes da EJA, espera-se que ao retornar para o ambiente educacional possam adquirir conhecimentos que os qualifiquem profissionalmente, favorecendo a busca por melhores oportunidades, maiores remunerações e consequentemente melhora da qualidade de vida. Os estudantes dessa modalidade são, em sua maioria, oriundos de contextos de desigualdades:

[...] trazem no corpo e na fala as marcas de outras regiões, sinais identificadores de seu grupo social. A cor da pele, as marcas das dificuldades da vida, a maturidade de quem foi obrigado a precocemente entrar no mercado de trabalho caracterizam o grupo social do curso noturno de maneira diferenciada aos bem-nascidos dos cursos regulares diurnos (Haddad, 1997, p.156).

A evasão escolar, tratada por Vendramini (2017) e também discutida por Sanceverino, Pauli e Barboza (2019), se unem ao citado acima para mostrar como o trabalho precoce roubou da juventude pobre não apenas o tempo escolar, mas também a infância e a possibilidade de uma formação integral. Sendo assim, o retorno, conclusão e ampliação dos estudos significa uma ruptura do aprisionamento a esse lugar de pobreza, crítica e aquisitiva.

É evidenciado em suas falas e experiências que a conclusão da educação básica representa para esses indivíduos possibilidade de salto para posições valorizadas socialmente, tanto em cargos trabalhistas, quanto em imagem intelectual.

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (1987, p. 20) descreve que esse processo se refere a “Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela *práxis* de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”.

Desse modo, a proposta de libertação não se restringe as transformações das condições materiais, envolve em si a mudança das relações sociais, educacionais e culturais, alcançada quando os estudantes dessa modalidade passam a agir e pensar criticamente sobre a realidade que está inserido, tomando assim, conhecimento das estruturas e instrumentos utilizados pelo sistema e opressores para aliená-lo.

Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade). Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar

soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (Freire, 1981, p.16).

Aí está a indissociabilidade da libertação com a transformação das relações de opressão (poder) que possam desnaturalizar as desigualdades sociais e econômicas impostas como responsabilidade única e exclusiva dos indivíduos afetados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as trajetórias de vida dos estudantes da EJA e o percurso de transição das graduandas do curso de Pedagogia, egressas dessa modalidade, traçamos uma compreensão significativa acerca das potencialidades e dos desafios enfrentados no processo educativo. Observam-se as limitações impostas tanto pelo sistema de ensino quanto pelas condições socioeconômicas, bem como a ação emancipatória da escolarização.

Os dados levantados pela pesquisa revelam que as experiências que motivam o abandono e, posteriormente, o retorno à escola são múltiplas, específicas de cada contexto socioeconômico. Constata-se que a maioria dos estudantes da EJA pertence à classe trabalhadora, cujos desafios decorrem, em grande parte, da necessidade de garantir o sustento familiar.

A permanência no processo de escolarização, o retorno à escola e o engajamento dos estudantes são igualmente impactados por essa necessidade. As expectativas em relação à educação básica e à conquista do ensino superior revelam-se influenciadas pela consciência da possibilidade de superação da alienação, o que, por sua vez, abre caminho à mobilidade social e à restauração do papel social e cidadão de cada indivíduo. Assim, evidencia-se que o conhecimento constitui um instrumento essencial para transformações em âmbito pessoal e profissional, promovendo o desenvolvimento de habilidades escolares e competências sociais.

É nesse caminho que a emancipação se concretiza, valorizando e fomentando a participação ativa dos estudantes.

A partir da dinâmica de mudança, que se move e é movida pelo meio social dos educandos, identificamos que o retorno ao ambiente escolar desperta o desejo de continuidade dos estudos, inclusive ao ensino superior.

Essa cultura acadêmica se instaura a partir da movimentação de consciência que desejamos influenciar. É por meio dela e para que ela se mantenha contínua que trabalhamos dando voz a essas individualidades, que caracterizam a modalidade EJA. Compreendemos que esses sujeitos – enquanto sociais, pais, mães, filhos(as), trabalhadores(as) – mobilizam debates que culminam em ações transformadoras no cenário da educação brasileira. Essas ações confrontam estigmas históricos relacionados à idade adequada para escolarização e aos momentos oportunos para ingressar na graduação ou mudar sua atuação profissional, aspectos que motivam os entrevistados a buscar o ensino superior.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Diário Oficial da União, Brasília, 6 de março de 2018; 197º da Independência e 130º da República.
- DI PIERRO, M. C.; HADDAD, S. Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/CC0101-32622015723758>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- DUTRA, Aline Maria Trugillo Valério; BAMPI, Aumeri Carlos. Constituição do sujeito político e epistemológico: trajetória de vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 32-42, 2014. DOI: 10.30681/rep.v5i2.9557. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9557>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- FREIRE, P. Educação e mudança. 12. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. Disponível em: <https://ifbaiano.edu.br/portal/pos-eja-santa-ines/wp-content/uploads/sites/99/2020/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Mudan%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- HADDAD, S. Estado e Educação de Adultos 1964 – 1985. 1991. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo: 1991. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000733481>. Acesso em: 14 maio 2025.
- HADDAD, S. Escola para o trabalhador (uma experiência de ensino supletivo noturno para trabalhadores). In: ARROYO, Miguel G. Da escola carente à escola possível. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/#>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- SANCEVERINO, A. R.; PAULI, G. R. G.; BARBOZA, V. M. Gênero e educação de pessoas jovens e adultas na rede estadual de ensino de Erechim/RS/BR: o que os indicadores de pesquisa revelam?. Revista da Faculdade de Educação, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 103-119, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/4318>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- VENDRAMINI, C. R.; MARCASSA, L. P.; TITTON, M.; CONDE, S. F. Escola, trabalho e perspectiva de futuro de jovens estudantes. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2155-2176, out./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8839/6948>. Acesso em: 14 nov. 2023.

Recebido em: 6 de junho de 2025.

Aprovado em: 23 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/rep.v16i1.13931>

ⁱ Jheimy Luiza Lucas Oliboni. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/1. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7007454435032952>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3726-2450>

E-mail: jheimy.oliboni@unemat.br